

LUÍS AUGUSTO FISCHER. LITERATURA BRASILEIRA: MODOS DE USAR.
PORTO ALEGRE: L&PM POCKET BOOK. 2007. 144 p.

Daniel Iturvides Dutra

Danieldutra316@gmail.com

O livro de Luís Augusto Fischer, professor de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem a proposta de ser um guia para leigos em literatura brasileira. Nas palavras do próprio autor, *Literatura Brasileira: Modos de Usar* é uma obra destinada ao que o autor chama de “leitor não profissional” ou seja, ao cidadão brasileiro que não pertence ao meio acadêmico, que deseja conhecer mais sobre literatura brasileira e não sabe por onde começar. Segundo Fischer, o livro é destinado ao “sujeito disposto a ler mais e melhor”

Literatura Brasileira: Modos de Usar dá uma visão panorâmica das principais obras, autores, correntes literárias e momentos históricos que definiram a identidade literária brasileira. Fischer se comunica com o leitor em um tom bem informal, inclusive utilizando várias expressões populares e uma certa dose de humor contido, numa interessante estratégia de cativar o leitor e de se afastar do tom academicista de outras publicações do gênero, que geralmente espantam os leigos. A sensação geral que o texto passa é a de que se trata da transcrição de uma conversa de Fischer com algum conhecido, um bate-papo numa sala de estar ou em um bar.

O livro está dividido em doze capítulos, mas foge da convencional divisão em que os autores dedicam cada capítulo a um movimento literário específico. Em vez disso, Fischer organizou os seus capítulos tendo em mente a relação entre

literatura, história e sociedade. Por exemplo, em um determinado capítulo, Fischer analisa a influência dos “gêneros menores” como a canção popular, a crônica e a caricatura na literatura brasileira, mostrando a importância desses gêneros como forma de expressão literária, algo geralmente negligenciado pelos manuais tradicionais. Fischer fala, também, sobre o Romantismo, o Realismo, o Modernismo e o Tropicalismo, contextualizando a relação desses movimentos com questões sociais e históricas das épocas em que aconteceram, demonstrando, por exemplo, que os escritores realistas tinham em comum o objetivo de “relatar o país a partir de um ângulo crítico, sem direito a fantasias compensatórias, para mostrar o atraso da sociedade brasileira no campo e na cidade”

Ancorado no rigor de sua argumentação, na potencialidade de sua análise e no vasto e profundo conhecimento do tema, Fischer revisita a história da literatura brasileira, construindo um texto que informa, discute e problematiza o embate entre a norma padrão e a norma coloquial, a língua portuguesa e os dialetos indígenas, mais as diferenças linguísticas regionais e, conseqüentemente, incorporação à literatura moderna, demonstrando a relação entre a língua e o conceito de nação na busca pela identidade nacional.

Assim, seu texto pretende não apenas mapear o território da literatura brasileira, mas analisar todas as variantes, incluindo dados tão diferentes quanto a influência da cultura de massa e da estrangeira, a diversidade da cultura popular e a extensão territorial de nosso país. Da análise dessas formas, relações e domínios é que emerge o perfil minucioso do cânone no Brasil. Fischer se declara adepto da tese de Antonio Cândido segundo a qual “ a literatura brasileira passa a existir com o surgimento do desejo de que o país existisse, com os escritores [...] fazendo a literatura para fazer o país”

A abordagem comparativa e interdisciplinar permite ao autor realçar as inter-relações conceituais e ideológicas que os textos literários mantêm entre si e em seu contexto. Numa

perspectiva mais ampla, Fischer ressalta as similaridades e diferenças na constituição das práticas discursivas que revelam todo o processo de formação da literatura brasileira.